



**CAÁLA**  
INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO

DEPARTAMENTO DE ENSINO INVESTIGAÇÃO E PRODUÇÃO EM HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**EUGÉNIA ROSA TORRES DIAS**

**PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM CENTRO CULTURAL PARA DIVULGAÇÃO  
DE ESTABILIDADE DO PODER TRADICIONAL NO OMBALA MBALUNDO**

**CAÁLA, / 2023**

**EUGÉNIA ROSA TORRES DIAS**

**PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM CENTRO PARA A DIVULGAÇÃO E  
ESTABILIDADE DO PODER TRADICIONAL NO OMBALA MBALUNDO**

Projecto de pesquisa a ser apresentado ao Departamento de Ensino e Investigação em História, do Instituto Superior Politécnico da Caála, como requisito para obtenção do Grau de Licenciatura no Curso de História  
**Orientador:** Venceslau Casese

**CAÁLA, 2023**

Dedico este humilde trabalho aos meus prestimosos filhos, aos meus queridos pais; À minha querida irmã Isília e à minha colega e amiga de luta já de feliz memória Cecília Navange Caminho de Ferro.

## AGRADECIMENTOS

Á Deus, por tudo quanto tem feito por mim até a data presente; ao Instituto Superior Politécnico da Caála, na pessoa do Dr. Helder Lucas Chipindo, ao Departamento de Investigação e Ensino do curso de licenciatura em história, o colectivo de professores, coordenador Pe. Anacleto Rodrigues Pessomuecália, aos professores, Domingos Yifula, João Sicato Kandjo, Frederico Capuca, Felicidade Humba, ao Orientador Venceslau Casese, vão os meus agradecimentos; Aos meus familiares, pais, Aurélio Fernandes Dias (Em memória) e à minha mãe Celina Yombombo; aos meus irmãos, José Torres Dias, Isília de Sá Torres Dias, Flaviano Cunha e Passassi Torres Dias, pelo amor e incentivo, para os meus caríssimos colegas,

Aos meus compadres, Nunes Oliveira e Margarida Chilombo, ao casal Guilherme Canivete e Evalinda V. Canivete pelo incentivo.

Aos meus filhos, Herculano Chilala Dias, Gabriel Mahatma Gandhi Dias, Indira de fátima Gandhi e Nair Yola Gandhi Dias Mango pela colaboração prestada ao longo da minha formação.

Os meus agradecimentos estendem-se aos amigos e colegas Feliciano Evambi Bongue, Adriano D. Chingala, Silvestre Cawanga, Silvino Cambambi, Esperança Bongo e Abel Nanga pela força e coragem.

Aos meus professores, de modo particular, ao digníssimo Padre Anacleto Rodrigues P. Muecália, Dr. Domingos Yifula, Dr. João Sicato, Dr. Frederico Capuca, Dr. Veceslau Casese, Dra. Felicidade Humba, verdadeiros mestres, endereço os meu sinceros agradecimentos. Finalmente à todos que directa ou indirectamente ajudaram e torceram para que esse sonho se tornasse realidade.

## RESUMO

O presente projecto faz uma abordagem sobre proposta de criação de um centro cultural e estabilidade do poder da Ombala Mbalundu, no município do Bailundo. O mesmo projecto tem como objectivo a criação de um centro cultural com fim de ter lições educativas para se estabilizar as futuras autoridades tradicionais na cultura Ovimbundu. Para a prossecução do mesmo aplicamos metodologias de natureza descritiva e para a colecta de dados utilizamos métodos a nível teórico como: Análise e síntese, Comparativo e Histórico; nos métodos empíricos: a Observação, entrevista e questionário. Qualquer elemento de desestabilização do reino, constitui um factor de dispersão do povo que tem na Ombala a garantia da ordem e da coesão social e a salvaguarda dos valores éticos e morais e, ainda os valores tradicionais que ali estão conservados através da tradição oral. A pesquisa revela que ainda se guardam muitos elementos da configuração do poder no reino Mbalundu, como a escolha do rei que é feita através da sucessão por linhagens e os rituais de entronização que seguem de forma estável, porém, é na relação com a população, na relação com a política, onde se assiste uma certa corrupção dos valores que deveriam manter a estabilidade do poder no reino. A destituição do rei não está prevista por qualquer estatuto quando se fala do poder tradicionalmente consagrado, porque entende-se que aquele que reina, fá-lo por mérito dos seus antepassados e estes não falham na escolha representada pelos elementos da corte. É preocupante quando isso sucedesse, porque demonstra a ruptura com os valores da tradição. Por isso, como medida de evitar que tal venha suceder novamente nós propomos mais diálogo, estudos e mais coesão dentro da corte, sendo que isto passa pela criação de um espaço em forma de Ondjango com características modernas que funcione como um centro cultural.

**Palavras-Chave:** estabilidade, reino Mbalundu, coesão social, ritual de entronização, valores, tradição.

## ABSTRACT

We have a qualitative and descriptive research, a study that sought to understand the mechanisms of power stability in the Mbalundu kingdom as a guarantee of social cohesion for its peoples. Any element of destabilization of the kingdom constitutes a factor of dispersion of the people who have in the Ombala the guarantee of order and social cohesion and the safeguard of ethical and moral values, as well as the traditional values that are preserved there through oral tradition. The research reveals that many elements of the configuration of power in the Mbalundu kingdom are still kept, such as the choice of king that is made through succession by lineages and the rituals of enthronement that follow in a stable way, however, it is in the relationship with the population, in relation to politics, where there is a certain corruption of the values that should maintain the stability of power in the kingdom. The removal of the king is not foreseen by any statute when talking about traditionally consecrated power, because it is understood that the one who reigns does so on the merit of his ancestors and these do not fail in the choice represented by the elements of the court. It is worrying when this happens, because it demonstrates a break with traditional values. For this reason, as a measure to prevent this from happening again, we propose more dialogue, studies and more cohesion within the court, which involves creating a space in the form of an Ondjango with modern characteristics that functions as a cultural center, although there is already one, which will incorporate a booklet and its discussion, thus creating an extensive council with scholars and other entities where further debate and dialogue can be held.

**Keywords:** stability, Mbalundu kingdom, social cohesion, enthronement ritual, values, tradition.

## LISTA DE ABREVIATURAS

ISPC.....	Instituto Superior Politécnico da Caála
P.....	paginas
V.....	Volume
Ed.....	Edição
Pe.....	Padre
In.....	Dentro de
N:.....	Número
Sec.....	Seculo
Pp.....	paginas
USP.....	Universidade de São Paulo

## **LISTA DE GRÁFICOS**

1. Gráfico nº1. **Caracterizam dos participantes por género e Idade**

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1.1. Descrição da Situação Problemática</b> .....	11
<b>1.2. OBJECTIVOS:</b> .....	12
<b>1.3. Contributo do Trabalho</b> .....	12
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	13
<b>2.1. Situação geopolítica do Planalto Central</b> .....	13
<b>2.2. Localização geográfica do município do Bailundo</b> .....	13
<b>1.1. Clima do Município do Bailundo</b> .....	13
<b>2.3. Fronteiras geográficas do Reino Mbalundu</b> .....	14
<b>2.4. Origem do Reino do Bailundo</b> .....	14
<b>2.5. Origem do termo Mbalundu</b> .....	17
<b>2.6. Contextualização do Reino Antigo ao Actual do Mbalundu</b> .....	17
<b>2.7. Alguns sobas do reino mbalundo</b> .....	19
<b>2.8. Critérios de substituição de um rei</b> .....	19
<b>2.9. Critérios de substituição de um rei</b> .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>2.10. Membros que compõem a corte do Reino do Bailundo</b> .....	21
<b>2.11. Relação do rei do Bailundo com a população residente</b> .....	25
<b>2.12. A relação do rei com as autoridades governamentais</b> .....	26
<b>2.14. Divisão do Trabalho (genero e Idade)</b> .....	27
<b>2.15. Função e Papel da mulher</b> .....	28
<b>2.16. Regime político no reino Mbalundo</b> .....	29
<b>2.17. Alimentação no reino Mbalundo</b> .....	29
<b>2.18. Cultura no reino Mbalundo</b> .....	29
<b>2.18.1. Danças e festas no reino Mbalundo</b> .....	30
<b>2.18.2. Nascimentos (Simbolismo dos nomes)</b> .....	30
<b>2.18.3. Falecimento (Luto)</b> .....	31
<b>2.18.4. Habitação</b> .....	31
<b>2.18.5. Vestuário</b> .....	31
<b>2.18.6. Tratamento do Corpo e do Cabelo</b> .....	31
<b>2.18.7. Instrumento de trabalho</b> .....	32
<b>2.19.8. Objecto domestico de culinária</b> .....	32
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	33
<b>3.19. Métodos de carácter teórico:</b> .....	33
<b>3.20. Métodos empírico:</b> .....	33

<b>4. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>35</b>
<b>5. PROPOSTA DE SOLUÇÃO .....</b>	<b>39</b>
<b>6. CONCLUSÕES.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>42</b>
<b>8. ANEXOS.....</b>	<b>68</b>

## **1. INTRODUÇÃO**

No ano de 2020, o reino do Huambo viveu um episódio incomum, a nível dos reinos não só africanos, mas também aquilo que é a tradição dos sistemas monárquicos. Desde o ponto de vista genérico tem se uma impressão segundo algumas intervenções externas tem estado a contribuir para uma certa vulgarização e vulnerabilidade dos nossos reinos o que teria contribuído para os episódios acima descritos. Pretendemos o este projecto encontrar e manter um equilíbrio entre as diversas forças sociais de modo a se evitar fracturas constantes que se observado a nível dos nossos reinos. Tem vivido, sobretudo para passar um legado que confira certa dignidade a este reinos que tanto fizeram pelos angolanos e não só, para se evitar problemas graves na nossa sociedade pela desconsideração ou desvalorização do poder consuetudinário na etnia dos ovimbundu.

Na região do planalto central foram criados vários reinos, onde o primeiro reino segundo ALENXANDRE (2015), aponta para o reino do Wambo, um dos primeiros reinos que terá sido fundado por Wambo-Kalunga, por volta do Sec. XVII, a este por sua vez, terão seguido outros reinos nomeadamente; o Reino do Sambo, Reino Mbalundo, Reino Tchiaca e o Reino de Tchingolo.

Estes reinos ora fundados desempenharam um papel preponderante e continuam a desempenha-lo até a presente época. É de realçar que durante o período da invasão colonial europeia, estes bateram-se contra as expedições coloniais, que procuravam conquistar terras para expandir os seus imperios. Embora de forma rudimentar e tradicional, travaram grandes combates, constituindo assim grandes resistências que influenciaram o espírito nacionalista, que levou os africanos a revoltarem-se e ganharam coragem, determinação de guerrear contra os invasores e ocupantes coloniais, graças a estas revoltas, hoje temos as independencias africanas e angolanas em particular.

### **1.1. Descrição da Situação Problemática**

A estabilidade do poder na dinastia do Mbalundu como garantia de coesão social para os seus povos. O que nos motivou para a escolha do tema foi o facto de algumas vezes assistirmos à fragilidade do poder tradicional dentro das fronteiras do reino Mbalundu. Conflitos muitas vezes, motivados por forças externas e interesses pessoais e, até mesmo políticos, noutros casos. Os conflitos constantes e de forma agressiva dos nossos traços étnico - culturais através das rupturas que tem ocorrido no seio dos ovimbundu, sobretudo no reino Mbalundu, levaram a escolha deste tema.

### **1.1. Delimitação da pesquisa:**

A delimitação dentro da pesquisa ajuda a circunscrever a investigação numa determinada posição, por formas a evitar que ela tome rumo dos parâmetros não desejados. No caso particular, o presente trabalho, incide sobre o impacto da estabilidade do rei do Mbalundu no período 2021 – 2023.

### **1.2. OBJECTIVOS:**

#### **Objectivo geral:**

- a) Propor acções para a criação de um centro para a divulgação e estabilização do poder tradicional no ombala Mbalundo.

#### **Objectivos específicos:**

- a) Localizar um local para implementação do centro cultural Mbalundu no município do Bailundu.ombala Mbalundu;
- b) Elaborar um conjunto de acções que concorram para a maior divulgação e estabilização do poder na ombala Mbalundu.

### **1.3. Contributo do Trabalho**

O presente relatório vai contribuir de forma significativa na valorização dos ombala em particular o reino Mbalundu, sobre tudo na estabilidade de reinados ou reis que pretendem suceder o trono deste reino, face as desobediências que ocorreu nos tempos anteriores nquilo que é a luta pelo poder para se assentar no trono, onde novamente se pretende realizar um conjunto de actividades didáctico-metodológicos, compreensivas e desenvolvedoras para a divulgação da cultura ovimbundu, de maneira que o mesmo povo de forma geral conheça e valorize a cultura, sendo que a cultura constitui uma referência básica para o entendimento do social político, definindo a matriz e o suporte da identidade, da tradição e da memória de qualquer povo e de qualquer sociedade, e que a mesma pretensão venha causar um impacto positivo nos povos sujeitos a essa cultura (ovimbundu), de formas a recuperar aquilo que por muito tempo foi e está sendo perdido, levando em consideração o factor modernidade que, por sua vez traz consigo as influências externas no âmbito da cultura também. A valorização da cultura, tem de ser dada primeiramente pela comunidade ou sociedade sujeita a mesma cultura e posteriormente, através das mesmas, a outras sociedades, e, que juntas vão passando os ensinamentos, transmitindo-os de geração a geração.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. Situação geopolítica do Planalto Central**

Chama-se Planalto Central, tendo em consideração a sua localização geográfica em relação as outras partes que constituem o resto do país que praticamente o diferem.

Em termos de localização geopolítica o Planalto Central de Angola situa-se no Centro do país na zona tropical entre as latitudes sul: 11 e 15 e os meridianos: 14 e 18. Em termos de extensão geográfica o Planalto Central de Angola estende-se horizontalmente desde a faixa costeira do oceano Atlântico em direção ao Centro Leste de Angola. Ao longo do Oceano Atlântico a mesma área parte da zona norte da Província do Kwanza Sul em direção ao sul do País até aproximadamente à fronteira que divide as Províncias de Benguela e Namibe (MALUMBU, 2005, p. 47).

A mesma região compreende em termos administrativos as províncias centrais do Bié, do Huambo e a província de Benguela de uma forma mais abrangente, segundo Malumbu (2005), mas também a Norte estende-se até cerca da metade sul do país aproximadamente a área que divide a província de Benguela e a província de Namibe.

### **2.2. Localização geográfica do município do Bailundo**

O município do Bailundo, dada a sua localização, é atravessado por várias cadeias montanhosas das quais se destacam as de Lumbanganda, Chilono, Nity e o morro de Halavala, nesta última jazem os restos mortais de Katiavala e Ekuikui II, símbolos da resistência anticolonial na região do Planalto Central. Como disse, o reino abrange 4 províncias (Huambo, Bié, Benguela e parte da Huila). É um dos 11 municípios da província do Huambo, região centro-sul de Angola e que dista aproximadamente 75 km da cidade capital (Huambo), é limitado a Norte pelo município do Mungo e Andulo, a Sul pelos municípios de TchicalaTcholoanga e Huambo, a Leste pelos municípios do Cunhinga, Catchiungo e Chinguar, e a Oeste pelo município do Londuimbale. O município conta com cinco comunas, nomeadamente, Bailundo, Bimbe, Hengue, Lunge e Luvemba, 573 aldeias e 79 povoações, ocupando uma extensão territorial de aproximadamente 7.075Km<sup>2</sup>. De acordo com Safeka (2012), afirma que, é neste município onde vamos encontrar a Missão de Chilume que se encontra a 3 km da vila do Bailundo. SUNGO (2015, pp. 25-26),

#### **1.1. Clima do Município do Bailundo**

O município do Bailundo localiza-se numa zona tropical de alternância entre clima húmido e seco, com clima temperado-seco típico do planalto central. : No Bailundo não

existem estações meteorológicas com dados de precipitação actualizados. É por esta razão que se apresentam neste livro os dados da estação meteorológica da Chianga, na cidade do Huambo, como indicador viável em termos de precipitação a nível provincial. A tabela apresenta a média mensal de milímetros de chuva para o período entre 2001 e 2010. A média anual para este período é de 1471 milímetros, mas é importante realçar que as chuvas variam consideravelmente de ano para ano. As chuvas sazonais começam geralmente em Setembro, sendo que a maior descarga pluviométrica ocorre de Outubro a Abril. Por norma, o mês de Janeiro é o mês em que a precipitação é ligeiramente inferior, e os meses de Novembro Dezembro e Março/maiores em que os níveis de precipitação são superiores.

### **2.3. Fronteiras geográficas do Reino Mbalundo**

O reino Mbalundo, está localizado na província do Huambo, no município do Bailundo, limita-se com vários reinos, a sul da comuna Sede, o Reino Mbalundo, geograficamente é limitado pelos seguintes reinos:

A Sul é limitado pelo reino do Huambo a Sul limita-se com o de Sambu, a Leste é limitado pelo Reino de Ndulo (Bié), e a Oeste, limita-se com o Reino de Tchiaca, e Tchingolo.

### **2.4. Origem do Reino do Bailundo**

O município do Bailundo assim como o reino do Bailundo, fica localizado no Planalto Central e formou-se com o povo de Halavala muito antes da chegada de KatyavalaBwila I, tendo como sua primeira capital Halavala (depois de Bimbe-Katapi), na região da África Central, com a língua oficial umbundu e teve o seu primeiro patriarca, o Rei KatyavalaBwila I, desde o ano 1700-1720.

O reino do Mbalundo foi fundado por Katyavala, estando tal fundação ligada com a história da região de Tchipala (Quibala) que existiu como reino tributário do reino do Mbalundo até ao século XIX. Vindo de Tchipala, katyavala colocou a sua sede inicialmente em Mbonga, junto de Mbalundu aparentemente com a intenção de dar visita a Mbulu, um seu parente que veio anteriormente de Tchipala. O Mbalundu era, nesse momento, somente uma estação de caça. Mbulu deu sua filha como esposa a Katyavala. Um dia, aproveitando-se da ausência de Mbulu, que se ausentara por motivos de caça, Katyavala e seu séquito familiar e outros acompanhadores ocuparam o Mbalundu extraindo definitivamente a Mbulu a chefia do Mbalundu. Esses factos deram-se por volta de 1700 (MALUMBU, 2005, p. 166).

Com o passar do tempo, o seu povo passou a submeter-se às ordens do Rei Katyavala que é oriundo do Sumbe desde o século XVIII, o que se relata, é que “naquela época, o território do Planalto Central era menos povoado, existindo na altura somente seis (6) aldeias

como: Halavala (actual Bailundo), Kaliki, Chiaka, Ndulo e Viye”. O povo desta região, tinha um singular costume com relação a outros: para as “*akãy*” (mulheres), identificavam-se por uma pintura em forma de circunferência na face feita de ervas pretas que se denominava “*Ohalanganja*” enquanto os “*alume*” (homens) tinham um risco preto partido da testa à ponta do nariz, denominado de “*Ombalundu*”, pontos que se alicerçam às tradições, hábitos e costumes deste mesmo povo. Como é típico ao grupo etnolinguísticumbundu, a pesca, o artesanato, a caça, eram as suas actividades frequentes.

Como dita a tradição oral, os primeiros povos que habitaram na região de Halavala, actual Bailundo, tiveram como responsáveis as figuras Tchingala e Mbulu e que não tinham a mínima ideia do que eram as armas de fogo.

O povo que habitava anteriormente neste território, embora continuasse por alguns dias até refugiarem-se na montanha de Lumbanganda, já depois da chegada do Rei Katyavala I, tinha uma educação padrão aos costumes da tradição regida pelos “*olosekulovyepata*” (os anciãos da família), como é o caso dos tios, pais ou por vezes os “*vapakulu*” (os avôs) e, ou por outros anciões de cada “*osongo*” (zonas) nos “*olonjango*” ou jangos. À volta da fogueira, a educação como regras de agricultura, fiel obediência aos rituais, as regras da caça, educação sexual, cortesia e outras regras de conduta, aconteciam tradicionalmente todas as noites.

Com base a entrevista feita ao rei Ekuikui IV, citado por Florêncio:

"( ... ) Antes do inicio do reinado, já existia Umbulu e o Katiavala, e as suas famílias. Foi no tempo em que nem se conhecia a raça branca. Muito menos a arma, canhangulo. Viviam apenas como gente, povo.( ... ) Então ele [Katiavala] foi a descendência da família do rei, até o ponto da colonização portuguesa.( ... ) O reinado da Katiavala vem de Seles, donde saíram estes reis todos. O Socassange era o pai do Katiavala. São provenientes de Seles, província do Kwanza Sul. O objectivo da sua instalada por cá foi por causa da caça, à procura de animais. De Seles para cá então se instalaram numa ombala chamada Ngonga. Entretanto naquela altura devido à muita caça que conseguiam, caçavam e vendiam, conseguiram fazer a criação de gado bovino. Os pastores deste gado eram Katiavala e o soba Ndalo. Naquela altura a alimentação era só na base da carne de boi. ( ... ) Katiavala não era soba não, era pastor até. Entretanto os pastores tinham aquela necessidade de comer carne de boi. Então naquelas circunstâncias, os dois pastores chegaram a um método para se poder abater uma cabeça (de gado). Entretanto os dois pastores aguçaram uma vara e introduziram no ânus de um animal. Ao tirarem aquele pau as miudezas do ventre tapa automaticamente o ânus, e impede a evacuação e fez com que fermentasse a barriga do animal e o boi morre. Naquela altura aqueles que pretendiam comer a carne então ficaram satisfeitos, mas o dono do animal ficou aborrecido. Este método foi utilizado por duas vezes. O dono dos animais ficou triste por não encontrar a doença que estava a matar o seu gado. Entretanto havia um espia que foi denunciar ao dono dos bois dizendo que quem está a criar aquela situação eram os próprios filhos da casa [Katiavala e Ndalo). Então dali o dono dos bois [Socassange, pai de Katiavala e Ndalo] ficou tão irritado com os pastores, então a acção do dono dos bois criou a fuga do Katiavala e do soba Ndalo. ( ... ) Nessa altura, aqui na montanha onde nos encontramos (montanha sagrada

de Halavala, onde se encontram os túmulos de Katiavala e Ekuikui II, já se encontrava UmbuluTchingala. Então Katiavala achou que tinha que vir até cá para apresentar-se ao rei. (...) Então Katiavala ao dirigir-se a esta gente, aqui já existia uma camada jovem nestas gentes, e foi bem recebido porque era visita, e perguntaram-lhe donde vinha e ele disse que vinha da ombalaNgonga, e perguntaram-lhe de novo 'o que é que veio fazer?' e ele dizia que era caçador e que encontrava-se naquela montanha de Sambo, bem recebido, e foi-lhe dito 'então fica lá onde estás. Nós por cá também temos nosso caçadores e ficamos por cá. Naquela altura de caça o Katiavala sempre que caçava um animal tirava sempre uma coxa então enviava ao UmbuluTchingala. Era uma oferta aos reis que se encontravam aqui. Também os caçadores de cá quando matassem então recordavam-se da oferta que o Katiavala fazia e então também levaram uma prenda, então foi oferecido ao Katiavala um dos braços (o membro posterior de uma peça de caça). O Katiavala ficou pouco satisfeito e recordou-se que sempre que ele matava um animal levava para aquela família uma coxa e então como é que ao contrário em vez de trazerem a coxa trazem o braço? Para ele significou uma ofensa. Então o Katiavala cria uma oportunidade, à medida que aqui se planeava uma caçada, tendo ficado aqui apenas mulheres e crianças, Katiavala sobe até esta montanha com a sua espingarda. As casas eram de capim, ele foi amarrando alguns feixes de capim, então disparou o canhângulo, como na ocasião a população não conhecia a arma a população ficaram todos um tanto ou quanto assustados e ele foi incendiando os feixes de capim. Então daqui alguém foi ao encontro daqueles que estavam em caçada para dizer de como o Katiavala tinha incendiado a aldeia. Então alguns caçadores suspenderam a caça e vêm ao encontro do prejuízo. O Katiavala ao dar conta de que os residentes estavam a vir ao seu encontro então fez um segundo disparo e aumentou a chama, meteu mais capim e a chama foi crescendo. Então os que vinham ao seu encontro já não chegam e meteram-se em fuga. E dali correu [o Katiavala] com toda a população e fugiram. Foi quando Katiavala sobe até aqui na montanha [instala-se], saindo do sitio onde estava. Então é dali onde começa o reinado." (FLORENCIO, 2010, pp. 85,86).

Como foi referido acima, antes da fundação do reino do Mbalundu, existiam algumas aldeias que eram vizinhas de Halavala (actual Mbalundu). Após Katiavala tomar o poder da aldeia de Halavala, visto que ele usava uma arma que amedrontava o povo, chegou ao ponto de se colocar o seu poder sobre todas as aldeias adjacentes e se auto entronizou como rei da região.

No século XVI, quando passou de Halavala para Mbalundu, o Rei KatyavalaBwila I, começou a reinar sobre as seis aldeias e é daí que se tornou oficialmente um Rei Regional e capital dos Ovimbundu. Confirmando o seu auge, o território do Reino, compreendia boa parte das províncias como a do Huambo, Benguela, Bié e de uma pequena porção da província da Huíla, confirmando portanto, a sua existência como a maior das entidades nacionais da capital tradicional dos Ovimbundu. Sob a égide do Soma Inene (Rei) KatyavalaBwila I, o reino só foi subjugado pelo Colono Português finalmente em 1903.

## 2.5. Origem do termo Mbalundu

Nas pesquisas feitas sobre a origem do nome Mbalundu, e de acordo as fontes orais e bibliográficas o nome Mbalundu provêm de um rato grande que chamamos de toupeira . Segundo Lazarino Poulson, na sua obra “As Autarquias Locais e as Autoridades Tradicionais no Direito Angolano”, o nome Bailundo é oriundo de um “onete” (toupeira) com uma risca branca na testa. Enquanto se construía um “onjango”, aparece uma toupeira real com uma listra na testa semelhante ao ombalundu que os homens de Halavala traziam na face. Ao apanhar a toupeira, fitou-a, e ao enxergar no rosto dos homens que tinham o ombalundu na testa, exclamou em voz de trovão: “*Etaliondukoya Halã-Vala yapua. Cilo ame Mbalundu momo ndikasipovipalaviowiñiwosi*” (Relato prestado pelo Rei Tchongolola Tchongonga I, no dia 23 de Maio de 2021).

Segundo os relatos do saudoso rei Augusto Katchitiopololo, citado por Florêncio:

"( ... ) uma vez que o início do reinado já estava a crescer apareceu um ratinho que se designa por toupeira, em Umbundu onete, aquela toupeira trazia um sinal na testa. O Katiavala apanha aquela toupeira, pegou nela e com o sinal bate nele na testa, no peito e no pescoço, dali recordou-se logo de Umbulu Tchingala que viviam aqui, eram eles que viviam aqui, eram eles que tinham a tradição de um sinal preto que partia da testa até ao nariz. Aquele sinal é que tinha o nome de M'Balundu. Dali o Katiavala achou que o nome de Halavala seria designado de M'Balundu. O significado de M'Balundu é o seguinte, 'eu ainda que estiver coberto por um chapéu, de boas roupas, de sapato, tenho tudo tapado menos a testa, que é difícil ser escondida. M'Balundu é uma coisa vista por todos. É assim que surge o nome de M'Balundu, excluindo de uma vez por todas o nome de Halavala (Florêncio 2010, p. 87).

Ainda assim, sobre a origem do mesmo nome, alguns autores também trazem dados diferentes concernentes ao nome Mbalundu, quando dizem que o nome Mbalundu vem de «*elundu*» que significa montanha, visto que na altura, o mesmo reino ficava localizado na montanha Halavala. E de acordo com Armindo Jaime Gomes o Estado do Mbalundu, topónimo evoluído a etnónimo de *elundu*, singular de *alundu*, o que em língua umbundu quer dizer montanhas, ou *valundu*, significando montanhas [...] (GOMES, 2016).

No entanto, o nome Mbalundu( actual Bailundo), surge depois do nome Halavala que tinha sido o nome da região aquando da sua formação.

## 2.6. Contextualização do Reino Antigo ao Actual do Mbalundu

Aquando da formação do reino que primeiramente tinha o nome de Halavala, actual reino do Bailundo, era apenas uma pequena comunidade habitada por povos camponeses que tinham como principais actividades a caça, a pesca, a agricultura e outros , e segundo Gomes (2016), originalmente foi fundado por um patriarca que tinha o nome de Mbulu. Mas tarde

aparece Katiavala I e muda o nome de Halavala para Mbalundu, e tinha conquistado os outros Estados que na altura eram considerados de Estados tributários como *Kaliki*, *Ndulo*, *Viye*, *Chiaca* entre outros. Sungo (2015) e Sanjukila (1997), fundamentam que no momento da fundação do Reino do Bailundo, o planalto central era pouco povoado, existiam apenas cinco aldeias, nomeadamente: *Ndulo* a Norte, *Kaliki Chiaca* no Ocidente, *Viyeno* Oriente e *Halavala* (hoje *Bailundo*) no centro. Mas tarde, Katiavala I conquistou esses estados, e os mesmos passaram a submeter-se ao reino do Mbalundu, unindo-os. Essas ideias corroboram com as de Sungo quando afirma o seguinte:

Katiavala I, ao fundar o reino, trouxe a unidade política entre tais aldeias, uma vez que, desde aquele momento aos dias de hoje, tornaram-se “dependentes” de uma estrutura política centralizada ou de um líder comum, e cuja base é a *OmbalayoMbalundu*, que, como disse, é um local onde são projectadas as políticas que visam, entre outras, garantir a funcionalidade e gestão do reino. Era o começo de uma nova etapa política e cultural no Mbalundu, pois surgia a partir daquele momento o Mbalundu como reino, e Katiavala I, como seu primeiro soma inene, comandando as cinco aldeias incluindo *Chitomba*(SUNGO, 2015, p. 76).

Com a união desses reinos, o reino do Bailundo se tornava cada vez mais forte, e preparado para os possíveis ataques de invasores que eram considerados rivais. E, no que concerne a união desses reinos que eram considerados de tributários, Malumbu diz o seguinte:

O reino do Bailundo foi-se tornando cada vez mais forte, colocando praticamente sob as suas ordens todos os outros reinos. Esse fortalecimento surgiu em função de o Bailundo se ter apresentado como ponto do comando na defesa comum do território umbundu. A guerra do Bailundo de 1902 veio mais tarde a fazer sentir, maiormente a necessidade da unidade à volta do Bailundo que acabou por transformar-se em capital dos Ovimbundu. A necessidade da defesa espontânea da ocupação colonial, em casos de emergência fez com que muitos reinos se tornassem autónomos e auto-suficientes, mesmo estando em ligação estreito com o Bailundo e com os restantes (MALUMBU, 2005, pp. 166;167).

Esses Estados localizam-se nas províncias que actualmente chamamos de Bié, Benguela, Huila e Huambo e uma parte da província do Kwanza Sul. A sua forma de organização política sempre seguiu a matriz da organização política dos povos africanos, e, mais tarde, mesmo com a invasão do colonizador português e dos missionários americanos, não mudou muito essa forma.

No entanto, desde a fundação do Bailundo como reino até aos dias actuais, já se passaram 36 reis, sendo que Sanjukila (1997), Florêncio (2009), Mat (2004), citados por Sungo dizem:

Katiavala I (por volta de 1700); Jahulu I (por volta de 1720); Somandalu; Chingui I (1774-1776); Chingui II (1776-1778); Ekuikui I (por volta de 1780); Numal (por volta de 1800); Hundungulu I (1800-1810); Chissende I (1810-1811); Junjulu; (1811-1818); Ngunji (por volta de 1818); Chivukuvuku Chama Chongonga (também por volta de 1818); Utondossi (1818-1832); Bunji (1833-1842); Bongue (1842-1861); Chissende II (1861-1869);

Vassovava (1869-1872); Katiavala II (1872-1875); EkongoLiohombo (1875-1876); Ekuikui II (1876-1890); NumaII (1890-1892); Moma (1895-1896); Kangovi (1897-1898); Hundungulu II (1898-1900); Kalandula (1900-1902); adjunto Mutu-Ya-Kevela (1902-1903); Chissende III (1904-1911); KadimbaJahulu II (1911-1935); Mussitu (1935-1938); Chinendele (1938-1948); Filipe Kapoko (1948-1970); Félix Numa 17. Esta lista de soberanos a constituiu de acordo com as obras de Florêncio (2009, p. 175); Sanjukila(1997, p. 19-20) e MAT (2004, p. 94). Conteí ainda com os esclarecimentos de Ekuikui V (atual soberano) e de Fernando Hosi (Usonehi da ombala).(1970-1982); José Maria PesselaChongolola (1982-1986); Manuel da Costa, com o epíteto de Ekuikui III (1986-1996); Augusto Cachitiopololo, com o epíteto de Ekuikui IV (1996-2012) e Armindo Francisco Kalupeteka, com o epíteto de Ekuikui V (desde 2012) (SANJUKILA, FLORÊNCIO, MAT apoud SUNGO, 2015, pp. 82;83).

O reino esta sedeadado no Planalto Central, na província do Huambo, município que também tem nome do reino (Bailundo). É um dos 11 municípios da província do Huambo, e o terceiro mais desenvolvido depois do município sede (Huambo e Caála).

## **2.7. Alguns sobas do reino mbalundo**

Desde a fundação do reino Mbalundo, vários reinos la passaram.

1. Rei Katyavala I, foi que fundou o reino, vindo das terras do Kwanza Sul com a sua família, quando habitou nas cercanias das montanhas de Halavala.
2. Ekuikui II, de 1876 a 1890. Mas,
3. Hundungulu I.
4. Cisende I.
5. Gunji dizia: “Eu sou o pilar que tem o barrote; no dia em que for derrubado, tanto pratos quanto tampas e panelas, tudo morrerá”.
6. CivukuvukuSekeseke dizia: “Se tu és Gunji, eu sou Sekeseke; serrarei esse pilar até derrubá-lo”.
7. Utondosi.
8. Ñala [Senhor] Bonge.
9. Cisende II Anterior Segundo.
10. Vasovava dizia: Olhos d’água, ainda não vi nada pelo qual possa morrer; 7 se serei expulso não sei.
11. Ekongo [Ancião]. O dos Cabritos.
12. Ekuikui, o Novo.
13. Katiavala.
14. Numa I.
15. Hundungulu, o Novo.
16. Kalandula II
17. Cisende III,
18. JahuluKandimba.

## **2.8. Critérios de substituição de um rei**

O ritual é um momento chave de instauração de uma temporalidade, pois diversas teorias sobre rituais apontam precisamente que o mesmo tem relação com a demarcação de uma temporalidade própria, a do antes, do início e o depois e, portanto, de uma sequência de eventos e significados que demarcam e explicam a existência das coisas. É deste modo que ao acionar a narrativa se recua no tempo e revive-se os princípios que este ritual instaura. Aliás,

julgo que o conceito de ritual elaborado pela Mariza Peirano, dialoga com esta interpretação ao fazer fundamentalmente menção à categoria de repetição, pois, de acordo com a autora,

“Ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição)” (PEIRANO, 2003, p. 9).

A cerimónia de entronização, até os dias atuais movimenta todos os estratos sociais do município do Bailundo, é imensamente festejado, e, de acordo com Peirano, “em relação aos rituais, em todas as sociedades existem eventos que são considerados especiais” (IBIDEM, 2003 p. 8), portanto, considerando esta lógica, diríamos que a entronização para a sociedade ovimbundu deve ser entendida como um desses eventos especiais.

Essa substituição acontece com a reunião e concertação dos membros da corte para se eleger um futuro rei que, de princípio, da família sanguínea daquele a quem se substitui ou da família de outros reis que sejam da mesma comunidade ou tribo. Em caso de não haver pessoa idónea na família dos reis do antigo rei, pode-se escolher alguém, por exemplo, que seja marido de uma das filhas do antigo rei para, em nome da filha assumir o poder, embora esse venha a ter algumas restrições.

Segundo Sungo, (2015, p.46),

“desde a fundação do reino até os dias atuais, a sucessão orientou-se por quatro regras que foram aplicadas em fases subsequentes, realçando, porém que em todas elas, o factor parentesco e as competências dos candidatos (entre outros, o conhecimento da cultura local, espírito de liderança) eram consideradas”.

Assim sendo,

a primeira fase seria aquela onde para a sucessão ao trono considerava-se a perspectiva patrilinear, e como exemplo poderíamos citar os lossomaineneChingui II e Ekuikui I que foram filhos de Chingui I, assim como o soma ineneEkuikui II, que foi filho do soma ineneChivukuvuku. Posteriormente e como consequência de certas dúvidas sobre a real paternidade dos filhos, outra decisão é tomada que aqui chamaria de 2ª fase, isto é, aquela onde a sucessão seria matrilinear, considerando-se para o efeito o tio materno como pai. Nesta perspectiva, o privilégio recai ao sobrinho primogênito (filho da irmã primogênita), ou ao neto também primogênito. Com o passar do tempo, a administração colonial portuguesa, fruto de uma contenda entre sobrinhos e filhos, decidiu inverter o quadro, legitimando os filhos em detrimento dos sobrinhos, levando assim o reino a uma 3ª fase, onde a sucessão passou a servir-se de duas matrizes, isto é, levando em consideração em determinados momentos a perspectiva matrilinear, e noutros a patrilinear, ou seja, estamos diante de um sistema bilinear. A última e 4ª fase é a da perspectiva atual, isto é, um retorno a 2ª perspectiva, a da sucessão segundo a matriz matrilinear (SUNGO, 2015, p.46).

Contudo, existe um outro caso, bastante polémico que tem a ver com a poligamia. Este tem estado na base de da origem da desestabilização quando se trata da concorrência ao poder no reino do Bailundo.

## 2.9. Membros que compõem a corte do Reino do Bailundo

O reino do Bailundo é o maior dentre todos os reinos ovimbundu e constitui também a capital dos povos ovimbundu. A corte da Ombala do Bailundo é normalmente constituída por trinta e cinco (35) autoridades tradicionais e cada uma delas, exerce uma função diferente, e, Sungo (2015) os descreve de uma maneira crescente, nomeadamente:

**1º Epalanga:** nome dado ao soma inene, neste caso, adjunto do rei e é imprescindível que tenha sangue de uma das linhagens dos reis do Mbalundu. Ele responde pelas questões importantes, sobretudo na ausência do rei

**2º Inakulu:** É a rainha e, na cultura ovimbundu, a única autoridade de gênero feminino pertencente a corte. Apesar de ser a esposa do rei, ela normalmente é entronizada ao mesmo tempo com o soma inene ou epalanga, e não com o rei. As suas tarefas ligam-se a situações de âmbito feminino que por tabus, apenas ela deve reportar ao seu esposo, ou, aos seus parceiros, se necessário for. Outra tarefa consiste no incentivo das mulheres do reino, fundamentalmente as da ombala, a pautarem por comportamentos exemplares, com maior realce na adesão a educação feminina, pois só assim inverterão definitivamente o papel de doméstica que genericamente se lhes atribui. Desde os tempos passados, maior parte dos reis do continente africano, possuem mais de uma só esposa, contextualizando o reino do Bailundo, não foge da regra. O rei pode até ter mais de quatro mulheres, mas primeira esposa será a Rainha. As outras mulheres também têm estatuto no reino e os seus nomes específicos e obedecem a seguinte hierarquia: Sia (2ª esposa), Nangandala (3ª esposa), Mbavela (4ª esposa), Tchiwotchepembe (5ª esposa).

**3º Usonahi:** É o secretário do reino. É o primeiro a receber as informações relevantes da população e só ele pode fazer chegar ao reino. Essas informações após serem analisadas e aprovadas por ele, só assim terá a missão de as transmitir em primeira instância ao soma inene, que na presença deste e dependendo da natureza da informação, se por exemplo for um problema social, agendam o dia para resolve-lo. Se por acaso, o *soma inene* não se fazer presente na resolução do problema ora agendado, *ousonehi* pode muito bem representá-lo.

**4º Soma Ngambole:** É o conselheiro da corte real. Tem também a missão de entronizar o soberano, assim como, de intervir no momento de julgamentos, aconselhando os réus, seus familiares e os que assistem o julgamento. Sempre que existir conflitos entre os membros da corte, assim como problemas particulares ou familiares de cada membro da corte, esses recorrem directamente ao conselheiro (Soma Ngambole).

**5º Soma Muekalia:** É o membro da corte mais acolhedor. Ele tem a missão de entronizar o soma inene ou epalanga. Segundo o autor, “O indivíduo a quem se atribuir este cargo deve ter uma personalidade de alguém acolhedor e que, entre outras, adore oferecer ou partilhar e servir, e por estas características, ele é considerado a mãe dos losoma”. Normalmente, é coadjuvado com dois membros da corte que são o soma Chikaka e o soma Chikukulo.

**6º Soma Chikaka:** Adjunto principal do soma Muekalia.

**7º Soma Chikukulo:** Membro da corte com a missão de auxiliar os losoma Muekalia e Ngambole.

**8º Soma Siasoma:** É o responsável pela segurança e proteção do soma inene. É o segurança secreto da corte, e que estimula várias vezes conversas a desfavor do soma inene ou sobre o modo de intervenção cultural, social e económica da corte, para testar ou perceber o nível de confiança dos seus serviços diante da população. É também o único da corte responsável pela otchalo (cadeira) do soma inene.

**9º Soma Kasoma:** É o consultor médico do rei. Ele tem a missão de saber pontualmente sobre o estado de saúde do rei, e, só ele tem a competência de informar aos demais membros da corte sobre a situação, e dar a conhecer se há possibilidades de o rei trabalhar, ou não.

**10º Soma Ndaka:** É o porta-voz, e também considerado o mensageiro da corte. Tem a missão de anunciar os acontecimentos no interior da ombala, sobretudo no que concerne a mortes, reuniões, campanhas de higiene e outras. Cabe a ele também circular pelo bairro todo e com voz alta passar as mais variadas mensagens aos moradores, sempre que possível for.

**11º Soma Epango:** É o nutricionista do soberano. A sua missão incide-se pela segurança alimentar do rei. É o soba responsável pela avaliação de toda alimentação que é oferecida ao rei e à corte. Como se sabe, na ombalayo Mbalundu, quando alguém abate um animal para comer, antes de tudo, tira uma parte da carne para oferecer ao rei. Essa carne oferecida apesar de ser para o rei, terá de se entregar ao soma Epango para avaliar e posteriormente decidir se pode ou não entregar ao rei.

**12º Soma Kesongo ou Kumandandi:** É o vigilante, ou mesmo o que garante a segurança do rei e da corte. Tem a missão de trocar impressões com os visitantes da ombala e depois de considerar favorável, encaminhar esses visitantes ao usonehi.

**13º Soma Chilala:** É o coordenador da limpeza dos *atamboe akokoto*. A sua missão é garantir que esses locais estejam sempre limpos e bem conservados.

**14° Soma Chikola:** É o adjunto do Chilala que como disse, ambos se responsabilizam pela higiene do santuário tradicional e do cemitério dos soberanos.

**15° Soma Henjengo:** É o responsável pela lei da ombala. Sua missão é de fazer cumprir com os princípios ou leis que regem a comunidade dentro da ombala. Por outra. É por meio dele que a sociedade tem conhecimento sobre a figura e posição do soberano, garantindo assim o maior respeito desta autoridade. E também mostra que as orientações e decisões que o mesmo determinar devem obrigatoriamente ser cumpridas. Durante os julgamentos, por exemplo, é normal que uma parte conflituante não concorde com uma determinada decisão do tribunal, originando reclamações, murmuro, e outras atitudes que espelhem insatisfação. Nestes momentos, este soma deve intervir sempre com discursos ameaçadores e que relembrem a necessidade de obedecerem as decisões do tribunal sob pena de aumentarem-lhes a sanção.

**16° Soma Kalufele:** É o adjunto ou colaborador do soma Henjengo.

**17° Soma Chiwale:** É o responsável pela indumentária ou vestuário do soberano. Tem como missão, cuidar o aspecto visual do rei, ou seja, qualquer falha como por exemplo roupa suja, amarrotada, gravata mal posta, serão de total responsabilidade dele. É responsável pela aparência física do rei.

**18° Soma Kalei:** É o que serve a comida e bebida do rei. A sua missão é de saber o momento próprio em que o rei deve se alimentar, o que quer comer e beber.

**19° Soma Kesenje:** É o conselheiro direto do rei e o juiz do tribunal da corte real. Tem também a missão de proporcionar momentos de lazer, diversão e actividades recreativas ao rei.

**20° Soma Lumbo:** Responsável pela cerca da ombala e dos akokoto. A sua função é de conhecer os limites tanto do reino, assim como dos akokotos. Também é conhecido como o homem do território.

**21° Soma Lombundi:** É a figura da corte que desempenha as funções de porteiro. Esse tem a missão de abrir e fechar as entradas e saídas da ombala.

**22° Soma Ndalú:** É quem se responsabiliza pelo fogo. Tem a missão de segurar o animal durante o abate, bem como de cuidar do sangue deste.

**23° Soma Chitonga:** figura que acende o fogo no onjango.

**24° Soma Sipata:** É o guarda-costas do soberano. Tem a missão de transportar o símbolo de poder do rei.

**25° Soma Lumbungululu:** É o coordenador da iluminação da ombala. Tem a missão de garantir que a ombala esteja acesa, ou que não haja escuridão no reino.

**26° Soma Sindako:** É o responsável pela defesa do reino. Tem por missão, fazer com que o reino não seja invadido meio a qualquer situação. É por meio dele que se faz conquistas de mais espaços para o reino.

**27° Soma Tembuasoma:** É o chefe de cozinha da ombala. Nos tempos passados, quer o rei, quer os membros da corte alimentavam-se da comida feita por ele. Actualmente as comidas são confeccionadas pelas suas esposas. Logo, este soma era o cozinheiro do soma inene ou da ombala. A ele também se incumbe a missão de cuidar das esposas dos losoma.

**28° Soma Sunguahanga:** Adjunto do soma Tembuasoma.

**29° Soma Nuñulu (Nunhulu):** É filho primogénito do soma inene.

**30° Soma Ukuepandela:** É o responsável pelo içar e arrear da bandeira na ombala, para se descobrir a posição do vento.

**31° Soma Katumua:** É o coordenador da música na ombala. Considerado também como tamborista da corte e o responsável pelos demais indivíduos que manuseiam este instrumento de música. Tem a missão de animar os encontros na ombala com músicas agradáveis de boas vindas e outras que têm ligações com cada assunto a tratar.

**32° Soma Ucilã:** é o dançarino da ombala. Tem a missão de mostrar a alegria da música e por intermédio da cauda de boi que usa, expulsa as moscas que estiverem em direção ou pousarem ao rei. E, sempre que o soberano estiver a dançar, o mesmo tem o dever de guiar os movimentos do soberano como maestro.

**33° Soma Chikakula:** É o responsável pelo abate de animais em actividades especiais, como entronização, destituição, morte de um membro da corte. Nas campanhas de higienização da ombala, caso haja a necessidade de se queimar o capim, a ele se incumbe esta missão, para se evitar que o mesmo se faça descoordenadamente e afete outros espaços. É também o responsável pelas queimadas que se efetuam durante a caça.

**34° Soma Kapitango:** É o responsável em garantir a proteção das infra estrutura física da ombala.

**35° Sekulo:** É o chefe da ombala, também conhecido como o mais velho da ombala. Ele tem a missão de informar a Administração Municipal, os dados qualitativos e quantitativos ou demográficos da população residente na ombala. Este não necessariamente deve pertencer a

uma das linhagens dos reis, mas sim, uma figura adulta, que tenha um comportamento exemplar e que se mostre ser um excelente conhecedor da população local.

Portanto, fazem parte da corte Real, 36 sobas, incluindo o rei actual, sua Majestade Isaac Francisco Lucas, **TchongololaTchongonga I**, desde o dia 14 de Maio de 2021.

## **2.10. Relação do rei do Bailundo com a população residente**

A relação do rei com o povo que governa deve ser de paz, afirmam os nossos entrevistados.

Atendendo à filosofia interna de que o *soma inene* é o primeiro representante dos ovimbundu, julgo que o consentimento dos representados em relação à escolha do futuro soberano feita pelas autoridades consuetudinárias é indispensável. Esta legitimidade a poderia chamar também de atribuída, na medida em que, para além de suceder à escolha das autoridades consuetudinárias, ela opera diante de uma divisão de decisões por parte da população, isto é, uns confirmando e outros contestando, e em linhas gerais, não se servem da pertença familiar do já escolhido como pressuposto fundamental para legitimar.

Acredita-se que por se tratar de uma escolha com fundamentos internos, por um lado, a possibilidade de existirem contestantes dificilmente será nula. Por outro lado, julgo que um sucessor escolhido pelas autoridades consuetudinárias terá o parecer positivo de boa parte da população.

Desta feita, uma vez escolhido, o mínimo que poderá acontecer é a existência de uns ovimbundu a favor e outros poderão apresentar-se contra por vários motivos, como eventuais dúvidas sobre a genealogia do escolhido, o fato de a escolha não ter recaído ao candidato mais próximo ou parente deles, fanatismo e ou por não confiarem nas capacidades ou competências do mesmo. O *soma inene* é legitimado pela população durante a cerimónia de entronização, logo após o abate do bode castrado. O mesmo coloca o seu pé direito sobre o animal abatido, e de seguida passa a citar um conjunto de nomes, e a população enquanto não ouvir ele fazendo menção ao seu nome ou epíteto pelo qual será chamado, assim como proferir uma parábola que garanta segurança ou os convença, responderá não. Tão logo ele cite o nome dele, e os convença com provérbios, receberá o sim da população como símbolo de conferir a legitimidade ao novo soberano.

Por isso, o rei deve procurar manter a coesão entre todos os cidadãos da sua ombala ao mesmo tempo que deve garantir a paz e a harmonia social.

### **2.11. A relação do rei com as autoridades governamentais**

Hoje, sente-se que a autoridade do rei estropou-se de um círculo consuetudinário para um círculo de poder mais alargado. No contexto em concreto é notório ver o rei e outras autoridades tradicionais envolvidos em campanhas políticas e partidárias o que disvirtua a essência das autoridades. A autoridade do rei deve manter a sua relação com as autoridades governamentais no sentido de ajudar ao governo a manter a coesão social necessária e não fazer campanhas partidárias, pois que isso, só divide o povo.

O Estado angolano está engajado na construção de um Estado-nação, na manutenção do nacionalismo e dentro das políticas elaboradas para este feito, as autoridades do reino do Mbalundo são consideradas como agentes a se ter em conta, aliás, de acordo com Smith, “a identidade nacional e a nação são construções complexas, compostas por uma série de componentes interligados – étnico, cultural, territorial, económico e político-legal” (IBIDEM, 1997, p.30).

Por outro lado, as autoridades do poder soberano consuetudinário reconhecem a importância que as autoridades do poder soberano estatal têm na manutenção das políticas que, entre outras, podem garantir a sua legitimidade diante da população local e das demais instituições angolanas com a mesma vocação, bem como na garantia da sua soberania consuetudinária. E, nesta ordem de ideias, Trotha e Rouveroy postularam que,

Para que os chefes possam transformar a sua autoridade em poder sobre a população local, e exercer uma governação na sua jurisdição, é necessária uma negociação constante com o Estado – cuja pretensão é a mesma. Negociam as regras e os princípios da governação local de acordo com as necessidades e interesses de quem gere o Estado. Desta forma, os chefes reconhecidos como autoridades tradicionais constituem-se como intermediários» (TROTHA, ROUVEROY apud ORRE, 2009, p. 146).

Portanto, há um interesse bilateral, e a relação das duas forças no Bailundo é hoje um fato. Porém, isso não retira a existência de tensões entre elas, pois, na sua essência, servem-se de princípios diferentes. E, como se não bastasse, de quando em vez, há um desrespeito dos limites de cada um, ou seja, uma envolvimento do Estado em situações do reino, bem como uma envolvimento do reino em situações que, a princípio, só o Estado deveria resolver, portanto, estaríamos diante de uma quebra da normalização. É efetivamente neste momento em que as forças colidem, em que o reino choca com o Estado, que se acciona o poder disciplinar que com as suas normas regulará os comportamentos, os desejos, as políticas partidárias e outros.

Como resumo dos argumentos colhidos ao longo da nossa pesquisa, podemos fazer jús à uma conclusão necessária de que o incumprimento de algumas das normas enunciadas estão na base do rompimento com a tradição, e por conseguinte, está na origem da destituição do rei, um fenómeno bastante estranho ao poder tradicional.

### **2.12. Sistema de Sucessão**

Na teoria de Albacry citado por Kandjo, na sua obra **‘Os Imperios africanos’** 2019 as sociedades negro-africanas, antes da ocupação colonial, apresentavam um nível de organização aceitável, desde o ponto de vista político, social, económico, cultural entre outros. No âmbito político, a sucessão ao trono, obedeciam-se vários critérios, onde o principal para se chegar ao cargo de soberano, era necessário o critério matrilinear, o que quer dizer que o candidato ao reinado tinha de ser sobrinho do Rei, isto é filho da irmã do Rei. Isto porque, ao africanos acreditavam que a linhagem correta e genuína, era a matrilinear. Não havendo ninguém capaz, recorria-se a outros mecanismos, tais como ao Patrilinear, ou outro candidato da comunidade que possuía competências. Para o reino de Mbalundo, na última década foi o contrário em o rei foi Kalupteca, foi destituído por sobrinho de uma outra linhagem dos Katiavlas. (CANDJO, 2019)

### **2.13. Divisão do Trabalho (género e idade)**

As sociedades sempre preocuparam-se com a sua organização e a divisão das tarefas, é assim que as mesmas eram divididas em Género e por Idade.

Os homens, dedicavam-se ao trabalho forçado como a caça, construção de abrigo, a prática de agricultura, a pesca, o artesanato, a fundição de ferros para a feitura de armas de defesa e caça. Ao passo que as mulheres, limitavam-se aos trabalhos domésticos, a recolha de frutos silvestres e em alguns momentos auxiliavam nos trabalhos de campo (agricultura). E as crianças ajudavam as mães em terra idade, uma vez crescidos fazia-se a distribuição das mesmas onde os meninos ajudavam os homens (Pais) nas actividades por eles exercidas, enquanto que as meninas ajudavam as mulheres (mães) nas actividades por elas exercidas. Estas formas são típicas, nas sociedades comunitárias, por isso eram caracterizados por um nível elevado de desenvolvimento das forças produtivas, mas onde a agricultura era a base essencial da economia, além da pastorícia ou a criação de gado. Estes dois aspectos estão geralmente interligados, ou combinados, para agricultura (produção em geral), as distintas comunidades, fixadas no território ou reino, utilizavam instrumentos de trabalho como; o ferro, já naquela época o que permitiu o aumento da produtividade e com ele o aparecimento de um excedente económico (sobre produto).

Por sua vez o excedente económico, permitiu;

A divisão do trabalho que fez com que umas famílias só praticassem a agricultura, outras a pastórcia, em função da apropriação de bens por certas famílias ou indivíduos.

O desenvolvimento de classes sociais, antagónicas (segundo apropriação de bens por certas famílias ou indivíduos).

Todo este processo foi condicionado por muitas circunstâncias históricas. Ainda assim não se pode pensar que o processo tenha sido dramático; o que não quer dizer que todas aquelas estruturas antigas tenham sido logo eliminadas automaticamente, não é bem verdade assim, esta realidade estende-se até aos nossos dias. Exemplos; actualização de pedras lascadas, persistiu com tudo, o aparecimento de diversas forças de diferenciação social, que estavam em função das forças produtivas. Mas o aparecimento de todas essas condições sociais, não tinham ainda conduzido a criação do aparelho do estado.

Alem disso, tudo leva a concluir que a unidade social fundamental era a família patriarcal e grupos parentescos em linha materna, os direitos relativos a terra pertenciam a família patriarcal. Esse facto, fundamenta-se na ocupação e organização dos reinos, com vem lembrar que a sociedade tribo-patriarcal é uma sociedade típica de transição para a sociedade de classe. (ALEXANDRE, 2014)

#### **2.14. Função e Papel da mulher**

A mulher dentro do reino exerce funções de grande importância onde destacamos; é educadora, é procriadora da família é gestora e em tempos ido prestava serviços na recollecção de frutos e é também auxiliar fundamental do homem. Para os bantus a figura da mulher era encarada com grande seriedade e respeito uma vez que “quem educa um homem, educa uma pessoa e quem educa uma mulher educa uma nação”. Na sociedade Umbundu, como é o caso do reino Mbalundo na província do Huambo, o acesso ao poder não é vedado a mulher sobretudo no passado.

Na corte feminina temos; A Inakulu mulher principal do Rei, Nangandala-que leva o cesto do rei que contém iguarias do Rei, temos a Siya-encarregue pelas refeições do Rei, temos TchiwoTchepembe, encarregue pela educação Feminina.

Ina significa mãe, Kulu significa mais velha= a mãe das mulheres no reino. Noutras realidades a Inakulu em sociedades africanas, a figura de Inakulu é igualada a primeira dama do reino ou da república. (CASESE, 2023)

### **2.15. Regime político no reino Mbalundo**

O Reino estava organizado de acordo com o direito Costumeiro. À base que muitos denominam como testa da organização estava o rei, a seguir vinha os membros da corte, (Vakwe-elombe, VamueleElombe).

Os membros da Corte, ou dignitários da Corte, cada um ocupava uma pasta dentro das funções na Corte ou na Ombala. A título de exemplo: Soma Epalanga-Adjunto do Rei, Soma Ndalo. Ele responde pelas questões importantes, sobretudo na ausência do rei

### **2.16. Alimentação no reino Mbalundo**

Aos povos Ovimbundu, existe uma variedade de produtos essenciais para a garantia da sua alimentação é assim que para o reino Mbalundo, não foge desta tradicional cultura, em a sua alimentação era baseada nos sereias, tuberculos, leagenosas, e até mesmo frutas, que muitas vezes são utilizadas para a sustentabilidade das populações e garantindo assim o bem estar dos habitantes do reino.

os principais produtos utilizados na alimentação eram:

O milho, feijão, massambala, soja, jingumba, gegibre (Vielú), mandioca, rabanete, assipi (Inhame), cana de açúcar (omuengue, a mesma era usada como açúcar), gergelim, girassol, nacambiambia (utolo, utilizado como óleo alimentar), tchinguandanguanda, tchichacãlã só para citar.

Durante o dia, existem períodos específicos para a confissão de refeições, com maior destaque no período matinal e o noturno, o diurno era menos relevante dada as actividades agrícolas desempenhadas estando reservado o consumo de frutas, algumas bebidas nutritivas (Tchissangua, Tchissangawa). De regresso aos aposentos isto ao cair da tarde as senhoras de casa preocupavam-se em preparar o jantar conhecido por nós como ‘‘Ondalelo ou Ondiañgolosi’’

### **2.17. Cultura no reino Mbalundo**

Sendo a cultura a principal identidade de um povo, os ovimbundu, possuem habitos e costumes próprios, que os indentifica no seio de outros povos.

Há tantos apectos marcantes dentro da cultura do grande reino Mbalundo, que estes vão desde o nascimento de um Bébe, Casamento, Sircuncisão, a entronização de um Rei, festas de consagração das sementes (Ayele), festas de anuncio caça e entre outras actividades marcantes.

Possuem língua própria, costumes, valores específicos, que os caracterizam, estes por sua vez manifestam-se na sua convivencia e interação com outros povos. Transmitem-se os

valores de geração em geração, através das manifestações culturais, assimiladas e passadas de pais para filhos, constituindo assim um grande património cultural.

### **2.17.1. Danças e festas no reino Mbalundo**

O reino Mbalundo, localizado no planalto central, desde muito cedo primou em actividades recreativas, culturais e próprias não fugindo a regra das demais, que caracterizam o povo Ovimbundu, é assim que possuíam danças próprias que caracterizavam determinadas manifestações culturais, tais como:

- I. Eyele (festa que se organiza anualmente para dignificar o poder e dedicar as sementes para campanha agrícola).
- II. Onjevo (caça grossa que se organiza para determinar a sorte do Soba em prol da sua comunidade).
- III. Evamba ou Ekuenje (evento de circuncisão que o soba deve realizar periodicamente), Tchingangi.
- IV. Usso (evento das Mulheres e quem não passasse por esta era chamada de Nacawoli, e tinham como palhaços os (kaviula) kavanje onde também participam os Homens).

Uma outra figura que pode se confundir com o costume são as crenças religiosas. Quando estamos a falar das crenças religiosas referimo-nos ao sentimento religioso do homem que está na base da sua crença na existência do mundo invisível que por sua vez desencadeia o desejo de se relacionar com ele e venerá-lo.

O vocábulo religião deriva da expressão latina *religare* que significa estar ligado ao Ser Transcendente e relacionar-se com Ele.

No mundo inteiro dificilmente vai se encontrar um homem que para além do mundo visível, onde habita, não admita a existência de um mundo invisível, onde se conseqüentemente, à ordem religiosa que disciplina a relação do homem com o mundo dos espíritos cuja sanção é extraterrestre e mediata.

Para o caso concreto do reino Mbalundo, a religião tradicional que o caracteriza é o animismo, que tem haver com a veneração dos seres da natureza (CAPITIA, 2023)

### **2.17.2. Nascimento (Simbolismo dos nomes)**

Nascimento era um acto normal, resultante da necessidade da pricipiação e extensão da família ou prolongamento da família. Razão pela qual o não ter filhos ou filhas era sinónimo de azar e concomitantemente motivo de desprezo pela comunidade. A atribuição do nome é de puracompetência do marido, sobretudo os primeiros nascimentos, isso também dava valor ao marido,

### **2.17.3. Falecimento (Luto)**

A morte é uma realidade no seio dos seres vivos, onde basta nascer é suficiente para morrer. Na ombala mbalundo, o luto é encarado em duas perspetivas. Primeiro (1º) na perspetiva real a morte do soberano constitui o luto em voltan do reino onde as populações manifestavam a sua tristeza, descontentamente pela perda do soberano, este luto so terminava depois do emponsamento do novo Soberano que tinha a missão de unificar, restaurar e ate mesmo de engrandecer o reino. Em outra vertente o luto por parte das famílias era encarado como a tristeza em função da perda do seu entequerido, durante este período, para as mulheres o luto era de Um (1) ano e para os homens Seis (6) meses apenas. Ao longo deste periodo confeccionavam-sevestuario de cor preta que eram exibidos pela familia enlutada, fim do período realizava-se uma festa a meio da noite onde os inlutados retiravam as roupas do luto, deitando as mesmas, queimando-as em alguns casos, onde a mesma cinsa era recolhida e deitada distante de casa do falecido. E logo pela manhã as familias aparecia com uma indumentaria normal revelando assim o termino do periodo do luto e o inicio de uma nova éra, FLORENCIO, 2010).

### **2.17.4. Habitação**

As sociedades africanas, desde muito tempo possuíam, habitações para abrigar-se face ao frio, ao calor, ao vento e até mesmo para escapar da fúria de animais feroses, as habitações eram feitas de forma rudimentar, utilizando a materia prima bruta proveniente da natureza tais como, paus, barros, adobes, capim, acal e entre outros. As habitações no reino Tchingolo, caracterizavam-se em paus escavados, grutas de pedras, posteriormente na base de pau apique, cobertadas na base de capim e peles de animais em alguns casos. (RAFAEL , 2023).

### **2.17.5. Vestuario**

Antes os homens vestiam peles de animais e mais tarde surgiram as fibras de arvores (otchimuanji), so depois surgiu o famoso tecido normal em que o homem usava pano e casaco e a mulher usava apenas pano e quimoni apenas.

### **2.17.6. Tratamento do Corpo e do Cabelo**

Os povos africanos, os ovimbundu em particularmente no ombala mbalundo sempre primaram pela higiene pessoal, habitacional, familiar e até mesmo do meio ambiente. Utilizavam ervas espumáticas e aromáticas para o efeito, buscando assim a elegancia e uma boa aparição social. Para o tramento do cabelo confeccionavam instrumentos rudimentares, como pente de pau (ochituamulo), depois de penteado o cabelo, colocava-se alguns adornos.

### **2.17.7. Instrumento de trabalho**

O povo bantu sempre se destacou no trabalho, para os ovimbundu no caso concreto na ombala mbalundo, sempre primaram pelo trabalho entendendo que é este que dignifica a humanidade uma vez que só pode viver bem aquele que prima pelo trabalho, visto que a riqueza tem de ser resultado do trabalho tal como alegavam “Tchilanda Ongombe, tchitundapondjo” o que compra o Boi tem de vir de casa. Dai que os povos africanos tinham como objecto de trabalho os seguintes instrumentos; Enchadas, Catana, Machado, Fosce e entre outros (CAPUSSO, 2023)

### **2.19.8. Objecto domestico de culinária**

Desde os tempos ido, os povos africanos, manifestavam os seus sentimentos através da arte, é assim que utilizavam a olaria produzindo panelas de barro (ombiaYotuma), moringui (ombedjeYotuma), para a conservação da água e sementes. Com a madeira faziam gamelas (Otchimanda), que servia para amassar os temperos, recheios e ainda da madeira provinha o remo que facilitava no processo da confensão de certos alimentos. Naquilo que eram as suas produções do campo, provinham objectos que serviam de utensilhos para retirar a água, que é denominado por cabaças (Ombendje) e era utilizado na conservação de certos líquidos. (CASESE, 2023)

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste ponto do trabalho procuramos indicar alguns elementos que permitiram-nos fazer a busca de como será implementado o nosso projecto face ao problema identificado e como encontrar a resolução de tal problema. É aqui onde colocamos em destaque o contexto de pesquisa e a população alvo dentro do universo.

Ao longo deste trabalho, usaremos vários métodos como; o método Histórico, Bibliográfico, Observação, Entrevista, Questionários, com as técnicas de colecta dos dados que ajudaram-nos na efectivação do mesmo relatório.

#### 3.19. Métodos de carácter teórico:

**Análise e síntese:** este método ajudou-nos na identificação e análises de artigos já publicados e produzido pela academia científica, sobre o assunto em destaque. Recorremos a informações que debruçam sobre o mesmo assunto inclinado naquilo que é o processo de estabilidade do poder no reino Mbalundu.

**Método histórico:** este método ajudou-nos de maneira significativa no processo de estudo cronológico e entendermos como é o mesmo processo de destituição face os processos que têm vindo a ocorrer a cada dia no mesmo reino Mbalundu. Neste comenus, é fundamental estabelecer a relação entre os valores que faziam parte do ritual de entronização de um determinado rei nas sociedades mais antigas entre os povos ovimbundu com as práticas que temos vindo a assistir nos dias hoje.

**Método comparativo:** este método consiste em efectuar comparações para poder identificar igualdades e diferenças ( Marconi e Lakatos, 2004, p. 107). Este consistirá em buscar nos fenómenos pontos comuns entre eles e pontos divergentes neste (o reino Mbalundu) e nos demais reinos, o que nos possibilitará uma abordagem mais crítica e aprofundada.

#### 3.20. Métodos empírico:

**Técnica de observação:** e a técnica que permite a colecta de dados de forma directa sem qualquer intermediação. Existem duas formas diferentes de efectuar a observação que são: a forma natural e a artificial (Gil, 2011, p. 104). Foi com esta técnica que identificamos o problema em causa e, poderá permitir-nos a controlar o fenómeno nas suas mais variadas formas ou manifestações.

**Entrevista:** é uma das melhores técnicas das respostas para as características anteriormente referidas. A mesma coloca o investigador em contacto directo e aprofundado com o indivíduo a ser entrevistado e permite compreender com detalhe o que eles pensam

sobre determinados assuntos em determinada circunstancia (SERRANO, 2004). Levaremos a cabo um conjunto de entrevistas aos mais velhos no sentido de aferirmos destes como erão as práticas próprias desse ritual e percebermos o que mudou com o passar do tempo, analisando as consenquências desta roptura nos dias que correm. A nossa entrevista está constituida de perguntas abertas, que uma vez colocadas poderão dar lugar a outras como ângulo de abertura que deixarem os inquiridos.

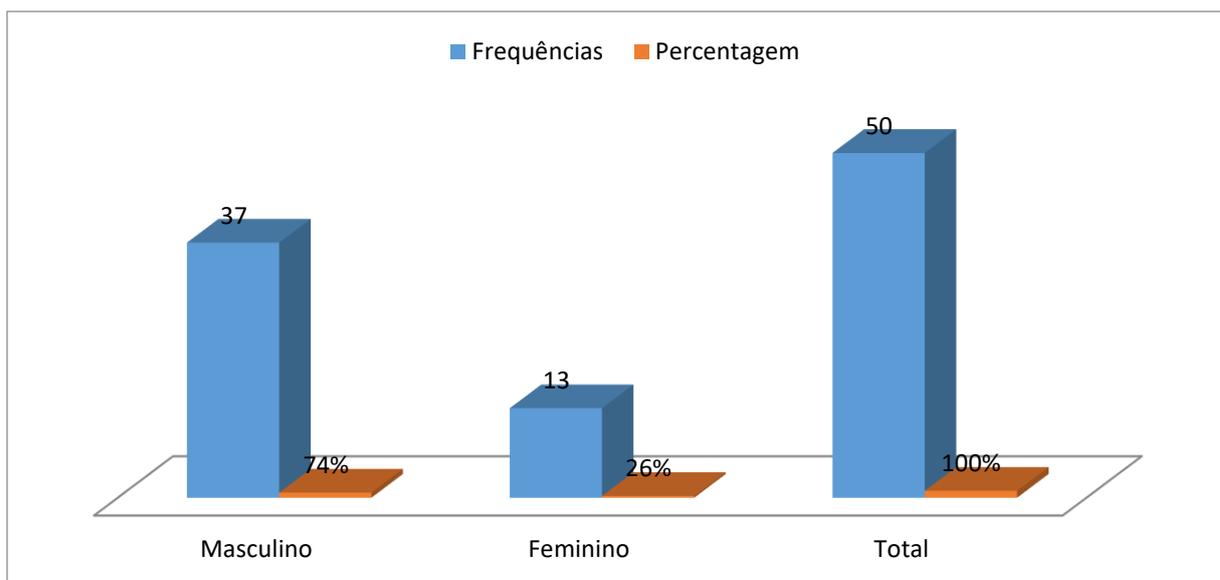
#### 4. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram analisadas neste capítulo de forma descritiva e reflexiva as respostas dadas pela população da pesquisa, por entrevista todos residentes no município do Bailundo.

##### **Dados dos enqueridos para o processo de pesquisa**

Como amostra para a essa pesquisa, visto que a selecção da população foi feita de forma aleatória dispõe-se 50 cidadãos dentro do município do Bailundo, que fazem assim 100%, dos quais 13 são do género Feminino que perfazem assim 26% do género inquirido. 37 Indivíduos são do género Masculino com um valor percentual de 74% do género participante. Dos mesmos inquiridos 50 membros possuem uma idade que compreende dos 25 aos 62 anos de idade entre os dois géneros. Nesta parte da pesquisa fez-se apresentação dos dados que se procurou obter, fazendo cruzamentos com as abordagens já feitas na fundamentação teórica, conforme apresenta o gráfico abaixo:

**Gráfico nº1.** Caracterização dos participantes por género e idade.

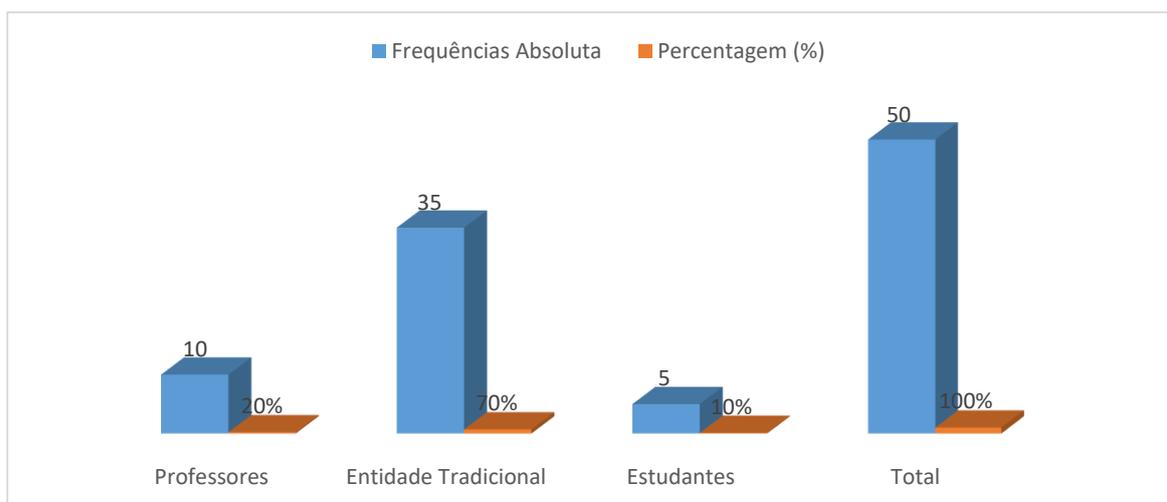


**Fonte:** Criação própria através de dados obtidos dos inqueridos.

##### **População e amostra**

A população alvo compreende 372.836 habitantes, dos quais extraiu-se 50 pessoas residentes na localidade em estudo, que corresponde a nossa Amostra. Desta Amostra, 35 (Trinta e cinco) são autoridades tradicionais ligadas ao reino do Bailundo, que equivale a 12%, 5 estudantes, do ensino superior, equivalente a 59% e 3 professores que compõem 29%. Conforme apresenta o gráfico abaixo;

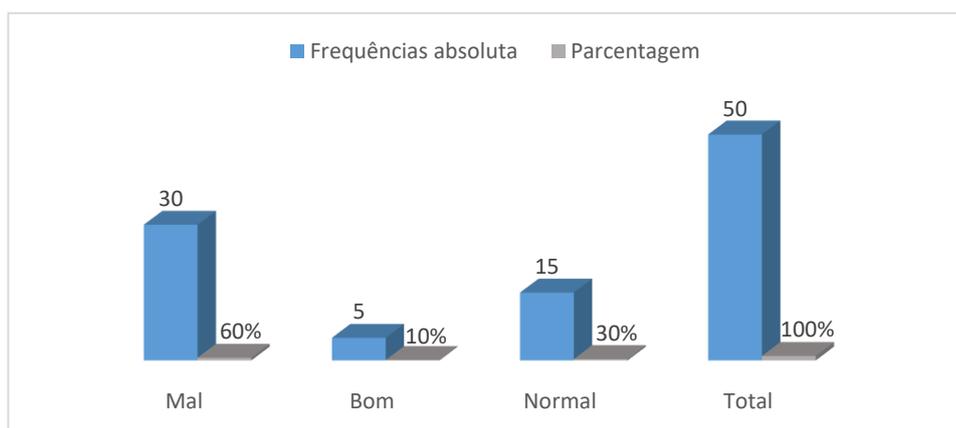
**Gráfico 2.** Caracterização dos participantes na pesquisa por Classes ou Níveis



**Fonte:** Criação própria através de dados obtidos dos inquiridos.

O gráfico acima, apresenta os resultados obtidos na questão dos indivíduos participantes na pesquisa por Classe. No universo de uma população que residem no município do Bailundo, participaram cerca de 50 pessoas divididos em género como mostra a tabela acima, mais para este gráfico, temos 10 indivíduos que fazem assim 100%, onde tivemos 5 professores de distintos níveis, com um dado de 50% dos participantes, 3 professores que fazem assim uma percentagem de 30% dos inquiridos, 2 elementos da entidade tradicional que totalizam uma percentagem de 20% dos indivíduos participantes nesta pesquisa.

**Gráfico 3.** Qual é o estado actual do reino Mbalundo?

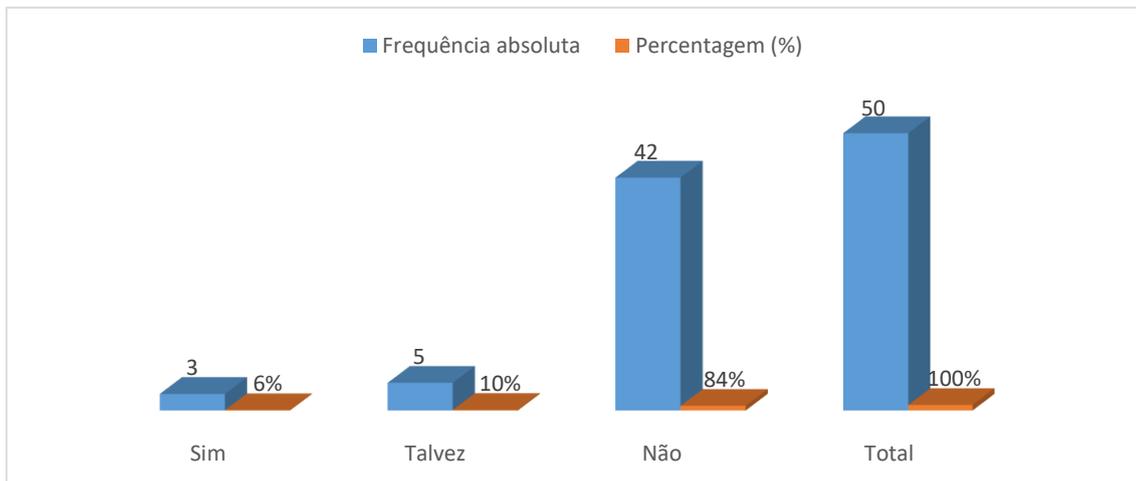


**Fonte:** criação própria (autor, 2023)

O gráfico nº2, mostra-nos os resultados sobre a questão que dizia, qual é o estado actual do reino Mbalundo?, tivemos um universo de 50 pessoas onde, 5 elementos responderam bom, em o reino Mbalundo, encontra-se em bom estado com uma percentagem nesta questão sobre as respostas de 10%, 30 pessoas responderam mal, com uma percentagem de 60% em o

reino Mbalundo encontra-se em mal estado, e esta a perder a sua exencia, 15 pessoas responderam normal, em que o estado do reino Mbalundo, econtra-se em estado normal,, com apenas 30% dos inquiridos.

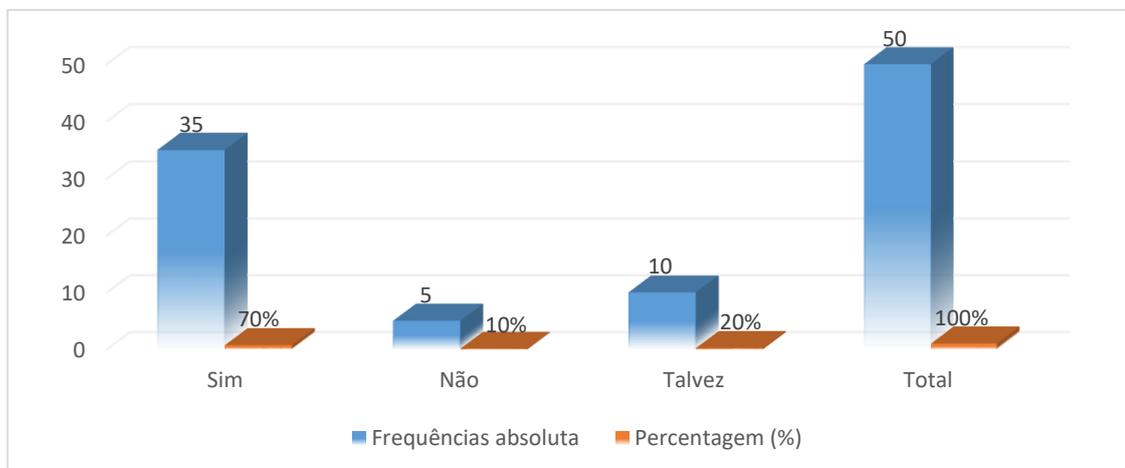
**Gráfico 4.** A estabilidade do reino mbalundo, ainda inspira outros reinos?



Fonte: criação própria, através dos dados obtidos, (2023)

O gráfico número 1, mostra-nos os resultados da questão que fomos perguntando sobre A estabilidade do reino mbalundo, ainda inspira outros reinos?, foram inquiridas 50 pessoas, que fazem assim 100% dos inquiridos nesta questão, onde 3 pessoas responderam sim com apenas 6% dos inquiridos, 5 pessoa respondeu talvez com um valor percentual de 10% dos inquiridos, 42 pessoas responderam não que é a maioria, fazendo assim, 84% dos inquiridos, que a estabilidade do reino mbalundo não inspira outros reinos.

**Gráfico 5.**O reino Mbalundo, precisa de um centro que divulga como deve ser a estabilidade de um reino?



Fonte: (Autor 2023)

Foram inquiridos cerca de 50 indivíduos que representa o número dos que entrevistamos e inquirimos, onde fomos colocando uma questão que dizia, O reino Mbalundo, precisa de um centro que divulga como deve ser a estabilidade de um reino?, 35 pessoas responderam a mesma questão, dizendo Sim, que faz assim um dado de 70%, e 5 pessoas responderam não, com uma percentagem de 10%, dos inquiridos, e apenas 10 pessoas responderam de forma duvidosa, talvez, com um valor percentual de 20% dos inquiridos.

## 5. PROPOSTA DE SOLUÇÃO

Os mais velhos têm um papel importante na educação e na transmissão dos valores étnico – culturais dos ovimbundu no seio das famílias para coesão e harmonia das mesmas e, devemos ter a garantia de que o centro principal desta representação são as embala, e os reinos.

Por isso, como medida de evitar que tal venha suceder novamente nós propomos mais diálogo, estudos e mais coesão dentro da corte, sendo que isto passa pela criação de um espaço em forma de Ondjango com características modernas que funcione como um centro cultural, embora exista já um, que venha incorporar uma cartilha e a discussão da mesma, criando assim um conselho extensivo com estudiosos e outras entidades onde se possa debater e dialogar mais.

1. O reino poderia deixar de ser influenciado pelas forças externas, sobretudo os poderes executivo e judicial, pois o reino desde a antiguidade já vem tendo esses poderes. Portanto, o poder real seria equiparado ao poder executivo, visto que, para os povos de África, antes da chegada dos europeus, a divisão político-administrativa era por reinos.
2. Estabelecer e Criar mecanismos que influenciem a juventude a valorizar um processo de atitudes de um determinado rei, para não correr o risco de ser destituído. Essa motivação começaria pelos mais velhos em fazer palestras aos jovens, sobretudo nos locais em que esses jovens mais frequentam, como é no caso do Centro Cultural Mbalundu e clube recreativo do Bailundo.

Ao fazer visita à Ombala para obtenção de informações que propiciam a divulgação da cultura por meio de obras literárias, haveria escalões na entrega dos dotes, tanto para os que vão em grupo maior ou menor, tanto para os que vão de forma individual, no entanto, registrar-se-ia mais aderências.

Os problemas internos do reino, poderiam ser resolvidos discretamente e nunca divulgados a terceiros os assuntos mais secretos, sobretudo a pessoas que não fazem parte da corte, pois, esse vazamento de informações condiciona o respeito e consideração que o povo teria pelo reino e por um determinado rei.

Visto que, a educação dos jovens parte da família e a sociedade só complementa, poderia muito bem haver harmonia entre as entidades tradicionais e família, nesse caso, quer as entidades, quer as famílias estariam a colaborar nos ensinamentos de alguns aspectos básicos sobre a cultura e o valor da tradição ovimbundu, para que a partir de casa os jovens

aprendam e possam crescer respeitando os ideais da ombala, assim como da personalidade Angolana.

## **6. CONCLUSÕES**

Impõe-se, desta feita, concluir que todas as partes desse trabalho articulam-se no sentido de compreender e descrever a organização política do reino do Mbalundo considerado o maior grupo étnico de Angola. Para atingir este desiderato, procurei perceber o ponto de vista dos poucos que escrevem especificamente sobre o reino abrangendo várias discussões, bem como as discussões que hoje se fazem em torno da questão de relações de poderes. Porém, devo destacar o papel das narrativas ou da tradição oral nesta dissertação, pois foi esta fonte que fundamentalmente me permitiu argumentar a resposta da problemática central desta abordagem, isto é, a de que o reino do Mbalundo é uma instituição que possui desde a sua fundação (sec. XVI), um poder político centralizado.

As causas da desintegração do poder no reino são: interesses pessoais e financeiros; a traição e falta de confiança, o incumprimento de algumas regras e tendência de quebrar a tradição, a intolerância entre os membros da corte e as interferências político-partidárias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa Pe. *Cultura Tradicional Bantu*. 2ª ed. Portugal: Paulinas Editora, Prior Velho, 2014.
- ALMEIDA, António Júlio Belo de. Operações militares de 1904 na região do Bimbe (Bailundo). Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1944.
- ARENDT, hannah. *Entre o passado e o futuro. Que é a autoridade?* 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BARROCAS, Deolinda; SOUSA, Maria de Jesus. As populações do *hinterland*de Benguela e a passagem das caravanas comerciais (1846-1860). In: II Reunião Internacional de História da África, São Paulo: 1996, p. 95-107.
- CHARTIER, Roger. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna* (Sec. XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2002.
- COELHO, Maria Angelina Teixeira. *O Bailundo: 1890-1905*. Lisboa: Edição do autor.
- DIAS, Jill. (1994). Mudanças nos padrões de poder no “hinterland” de Luanda. O impacto da colonização sobre os Mbumbu (c. 1845-1920). *Penélope*. n. 14, p. 42-94, 1967.
- EDWARDS, Adrian C. *The Ovimbundu under two sovereignties*. London: IAIUP, 1962.
- FLORENCIO, F. O reino da Toupeira. Autoridades tradicionais do M'balundu e o estado angolano. In F. FLORENCIO, *Vozes do Universo Rural: Reescrever o Estado em África* (p. 6 e 9). Lisboa: Centro de Estudos Internacionais. 2010.
- FLORÊNCIO, Fernando. *Autoridades tradicionais, Estado e partidos políticos, no município do Bailundo*. Uma arena política plena de 142 ambiguidades e contradições. Academia, 2015.
- FREUDENTHAL, Aida; PANTOJA, Selma.. Livro dos Baculamentos: que os sobas deste Reino de Angola pagam a Sua Majestade 1630. Luanda: Ministério da Cultura e Arquivo Nacional de Angola, p. 15-23, 2013.
- GOMES, Maria Marcelina. Ohamba e sua relação com as novas autoridades século XVIII aos nossos dias. In: IV Encontro Internacional da História de Angola. pp. 1-17, 2010.
- HAMBLY, Wilfred D. (193, ed. 4ª). OS Ovimbundu de Angola, Chicago: Field Museum Press.
- HAUENSTEIN, Alfred. *La Royauté chez les Ovimbundu*. In: AREIA, Manuel Laranjeira Rodrigues de. Angola: os símbolos do poder na sociedade tradicional. Coimbra: Centro de Estudos africanos, 1983.
- HENRIQUES, Isabel Castro. *Território e identidade: a construção da Angola colonial* (c. 1872 - c. 1926). Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.

- HEYWOOD, Linda. *UNITA and ethnic nationalism in Angola*. *The Journal of Modern African Studies*. v. 27, n. 1, p. 47-66, 1989.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Sociologia Geral*. 7. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Atlas S.A, 2010.
- KEILING, Monsenhor Luiz Alfredo. *Missão do Bailundo*. In: \_\_\_\_\_. *Quarenta Anos de África*. Braga: Edição das Missões de Angola e Congo, p. 59-82, 1934.
- MALUMBU, Moisés. *Os Ovimbundu de Angola: tradição, economia e cultura organizativa*. Roma: Edizioni Vivere, 2005.
- MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO. 1º Encontro Sobre a Autoridade Tradicional em Angola. 1. ed. Luanda: Nzila, 2004. 31-
- MATOS, Patrícia Ferraz de. *As Côres do Império: representações raciais no império colonial português*. Lisboa: ICS, 2006 .
- Museu de Angola: Coleção Etnográfica. Lisboa: Publicações do Museu de Angola, 1955.
- NETO, Maria Conceição. *Grandes projectos e tristes realidades – Aspectos da colonização do Planalto Central angolano c. 1900 – c. 1931*. In: SANTOS, Maria Emília Madeira. *A África e a Instalação do Sistema Colonial (c. 1885 – c. 1930)*. III Reunião Internacional de História de África – Actas. Lisbon, p. 513-525, 2000.
- ORRE, Aslak. *Fantoches e Cavalos de Tróia? Instrumentalização das autoridades tradicionais em Angola e Moçambique*. Lisboa: Cadernos de Estudos Africanos, 2009.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais Hoje*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2003.
- REDINHA, José. *Etnias e Culturas de Angola*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola, 1974.
- RIBAS, Oscar. *Dicionário de regionalismos angolanos*. Matosinhos: Contemporânea, 1997.
- SANTOS, Catarina Madeira. *Escrever o Poder: os autos de vassalagem e a vulgarização da escrita entre as elites africanas Ndembu*. In: HEINTZE, Beatrix; OPPEN, Achimvon. (Eds.). *Angola on the move: transport routes, communications and history*. Frankfurt: Otto Lemberck Publishers, p. 173-181, 2008.
- SERRANO, Carlos. *Os Senhores da Terra e os Homens do Mar: Antropologia Política de um Reino Africano*. São Paulo: FFLCH / USP, 1983.
- SMITH, Antony D. . *A identidade nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- TCHIKALE, Basílio.. *Sabedoria popular dos Ovimbundu: 630 provérbios em Umbundu*. Luanda: Kilombelombe, 2011.

WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René. (2009). *História de Angola*. Lisboa: Tinta da China, 2009.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In. KI-ZERBO, Joseph. (Org.). *História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África*. v. 1, São Paulo: Ática/UNESCO, p. 157-179, 1981.

Outros sites Consultados:

<http://www.portalangop.co.ao>. Acessado aos 9 de Novembro de 2022.

[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2024/iracema%20dulley.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2024/iracema%20dulley.pdf). Acessado em: 23/03/2023.

### **FONTES ORAIS**

Venceslau Casese, Professor universitário, entrevistado no dia 24 de agosto de 2023, pelas 10h.

João SicatoKandjo, Professor universitário, entrevistado no dia 16 de Julho de 2023, pelas 9h.

## APÊNCES

### Questionário por inquerito a pesquisa

Este inquérito foi criado no âmbito da conclusão da etapa do Curso de Licenciatura em História e destina-se a recolha de informações sobre ‘proposta de criação de um centro para a divulgação e estabilidade do poder tradicional no reino mbalundo’.

Agradeço que colabores respondendo com sinceridade as questões porque suas respostas são de grande importância na elaboração do meu artigo.

1. Idade:

2. Género: MASCULINO  FEMININO

**3. Função Social:**

a) Professor:

b) Membros da Corte da Ombala:

c) Estudante:

**4. Qual é o estado actual do reino Mbalundo?**

Boa  Mal  Normal

**5. A estabilidade do reino mbalundo, ainda inspira outros reinos?**

Sim  Não  Talvez

**6. O reino Mbalundo, precisa de um centro que divulga como deve ser a estabilidade de um reino?**

Sim  Não  Talvez



**Fonte:** (Autor, 2023).

Uma visita a ombalaMbalundo, no dia 15 de Junho de 2023, pelas 14h.



**Fonte:** Autor, 2023.

Alguns rituais que acontece na ombala, com uma visita de estudantes do ISP-Caála, no dia 15 de Junho de 2023, pelas 15.